



A Santa Sé

CELEBRAÇÃO MATUTINA TRANSMITIDA AO VIVO
DA CAPELA DA CASA SANTA MARTA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

“Ser cristão significa pertencer ao povo de Deus”

Quinta-feira, 7 de maio de 2020

[[Multimídia](#)]

Introdução

Ontem recebi uma carta de um grupo de artistas: agradeciam a oração que fizemos por eles. Gostaria de pedir ao Senhor que os abençoe porque os artistas nos fazem compreender o que é *a beleza* e sem a beleza o Evangelho não pode ser compreendido. Rezemos mais uma vez pelos artistas.

Homilia

Quando Paulo foi convidado para falar na sinagoga em Antioquia [na Pisídia] para explicar esta nova doutrina, ou seja, explicar Jesus, proclamar Jesus, ele começa da história da salvação (cf. *At 13, 13-21*). Paulo levantou-se e falou: «O Deus deste povo de Israel escolheu a nossos pais, e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito; e com braço poderoso os tirou dela» (*At 13, 17*)... e [relatou] toda a salvação, a história da salvação. Estêvão fez o mesmo antes do martírio (cf. *At 7, 1-54*), e também Paulo, noutro momento. O autor da Carta aos Hebreus faz o mesmo quando conta a história de Abraão e de «todos os nossos pais» (cf. *Hb 11, 1-39*). Nós hoje cantamos o mesmo: «Hei de cantar para sempre o amor do Senhor, e hei de anunciar a Sua lealdade pelas gerações» (*Sl 88, 2*). Cantamos a história de David: «Encontrei David, meu servo»

(v. 21). Mateus (cf. 1, 1-14) e Lucas (cf. 3, 23-38) fazem o mesmo: quando começam a falar de Jesus, citam a sua genealogia.

O que está por detrás de Jesus? Há uma história. Uma história de graça, uma história de eleição, uma história de promessa. O Senhor escolheu Abraão e caminhou com o seu povo. No início da Missa, no canto inicial, dissemos: «Quando avançastes, Senhor, diante do vosso povo e abristes o caminho e caminhastes ao lado do vosso povo, perto do vosso povo». Há uma história de Deus com o seu povo. E é por isso que quando pediram a Paulo que explicasse o porquê da fé em Jesus Cristo não começa a partir de Jesus Cristo: começa com a história. O cristianismo é uma doutrina, sim, mas não só. Não são apenas as coisas em que acreditamos: é uma história que carrega esta doutrina que é a promessa de Deus, a aliança de Deus, ser eleito por Deus. O cristianismo não é apenas uma ética. Sim, de facto, tem princípios morais, mas não se é cristão apenas com uma visão de ética. É mais do que isso. O cristianismo não é uma “elite” de pessoas escolhidas pela verdade. Este sentido elitista que depois vai em frente na Igreja, não é? Por exemplo, eu pertenço a esta instituição, pertenço a este movimento que é melhor do que o vosso. Este, aquele. É um sentido elitista. Não, o Cristianismo não é isto: o Cristianismo é *pertença* a um povo, a um povo escolhido livremente por Deus. Se não tivermos esta consciência de pertença a um povo seremos cristãos ideológicos, com uma pequena doutrina de afirmação da verdade, uma ética, uma moral - está bem - ou uma elite. Sentimo-nos parte de um grupo escolhido por Deus - os cristãos - os outros irão para o inferno ou se forem salvos é pela misericórdia de Deus, mas eles são os descartados... E assim por diante. Se não tivermos a consciência de pertença a um povo, não somos verdadeiros cristãos.

É por isso que Paulo explica Jesus desde o início, começando pela pertença a um povo. E muitas vezes, muitas, caímos nestas parcialidades, sejam elas dogmáticas, morais ou elitistas, não é verdade? O sentido da elite é o que nos faz muito mal e perdemos o sentido de pertencer ao santo povo fiel de Deus, que Deus elegeu em Abraão e prometeu, a grande promessa, Jesus, e o fez prosseguir com esperança, fazendo aliança com ele. Consciência de povo.

Impressiona-me sempre o trecho do Deuteronómio, acho que é o capítulo 26, quando diz: «Uma vez por ano, quando fores apresentar as tuas oferendas ao Senhor, as primícias, e quando o teu filho te perguntar: “Pai, por que fazes isto?”, não lhe debes dizer: “Porque Deus mandou”, não: “Éramos um povo, éramos assim, e o Senhor nos libertou...”» (cf. *Dt* 26, 1-11). Contar a história, como fez Paulo. Transmitir a história da nossa salvação. O próprio Senhor no Deuteronómio aconselha: «Quando chegares à terra que não conquistaste, que eu conquistei, e comeres os frutos que não plantaste, e habitares as casas que não construístes, quando deres a oferta» (cf. *Dt* 26, 1), recita - o famoso credo deuteronómico -: «Arameu, prestes a perecer, foi meu pai, e desceu ao Egito» (*Dt* 26, 5). Permaneceu ali durante 400 anos, depois o Senhor libertou-o, levou-o adiante. Canta a história, *a memória de povo*, de ser um povo.

E nesta história do povo de Deus, até Jesus Cristo, havia santos, pecadores e muitas pessoas

comuns e boas, com virtudes e pecados, todos. A famosa “multidão” que seguia Jesus, que tinha a *intuição* de pertencer a um povo. Um cristão auto-intitulado que não tem esta intuição não é um verdadeiro cristão; é um pouco particular e sente-se justificado sem o povo. Pertencer a um povo, ter memória do povo de Deus. E isto foi ensinado por Paulo, Estêvão, outra vez Paulo, os Apóstolos... E o conselho do autor da Carta aos Hebreus: «Lembra-vos dos vossos antepassados» (cf. *Hb* 11, 2), isto é, daqueles que nos precederam neste caminho de salvação.

Se alguém me perguntasse: “Na sua opinião qual é o desvio dos cristãos hoje e sempre? Qual é o desvio mais perigoso dos cristãos”, diria sem dúvida: a falta de memória de pertença a um povo. Quando falta isto, surgem os dogmatismos, os moralismos, os eticismos, os movimentos elitistas. Falta o povo. Um povo pecador sempre, todos somos, mas que em geral não erra, que tem a intuição de ser povo eleito, que caminha atrás de uma promessa e que estabeleceu uma aliança que talvez não cumpra, mas tem consciência dela.

Pedir ao Senhor esta consciência de povo, que Nossa Senhora cantou tão lindamente no seu Magnificat (cf. *Lc* 1, 46-56), que Zacarias cantou tão bem no seu *Benedictus* (cf. vv. 67-79), cânticos que rezamos todos os dias, de manhã e à noite. Consciência de povo: nós somos o povo santo e fiel de Deus que, na sua maioria, como diz o Concílio Vaticano I, e depois o II, tem a intuição da fé e é infalível nesta forma de acreditar.

Oração para fazer a Comunhão espiritual

Ó meu Jesus, prostro-me aos vossos pés e ofereço-vos o arrependimento do meu coração contrito que mergulha no vosso coração e na vossa santa presença. Adoro-vos no Sacramento do vosso amor, a inefável Eucaristia. Desejo receber-vos na pobre morada que o meu coração vos oferece. À espera da felicidade da Comunhão sacramental, quero possuir-vos em espírito. Vinde a mim, ó meu Jesus, e que eu venha a Vós. Que o vosso amor possa inflamar todo o meu ser, na vida e na morte. Creio em Vós, espero em Vós, amo-vos.